

JARDINS QUE SE BIFURCAM: AS MEDIAÇÕES TRANSCONTINENTAIS EM *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS*

Aparecida de Fátima Bueno
Universidade Federal de Viçosa

1. À guisa de introdução

Maria Alzira Seixo, ao discorrer sobre a literatura portuguesa pós Revolução dos Cravos, afirma que há uma tendência na produção novelística desse período em “escrever a terra”. Segundo ela, “Escrever a terra é fazer sentir que entre a história que o romance conta e a personagem que a vive há uma entidade-suporte (essa mesma terra) que dá o sentido da pulsação da personagem na história.” (Seixo, 1986, p.72-73).

Essa tendência que a ensaísta aponta parece se enquadrar perfeitamente a *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de 1985. Afinal, Portugal é um espaço central na tessitura de sua narrativa. É para lá que o heterônimo pessoano retorna, após dezesseis anos de “exílio voluntário” no Brasil, (espaço que lhe reservou Fernando Pessoa, meses antes de sua própria morte, na famosa carta de 13 de janeiro de 1935, escrita a Adolfo Casais Monteiro) e de onde sai graças à pena de José Saramago, que o elege para protagonizar a sua história.

Entretanto, esse não é o único *locus* privilegiado no romance. Brasil e Espanha também aparecem como espaços de destaque e contribuem para dar sentido à atuação do personagem. Rastrear essas mediações transcontinentais é o objetivo central de nossa apresentação.

2. Em Portugal, como um todo, não faltam alegrias...

O Ricardo Reis que retorna à pátria não vê, a princípio, grandes mudanças em seu país, mesmo tendo sido advertido pelo motorista que o conduz até o hotel de que “vai encontrar grandes mudanças por cá” (Saramago, 1985, p.17). O personagem, liberado numa primeira instância da paternidade pessoana, já que Pessoa se encontra morto há quase um mês quando Reis desembarca em Lisboa, precisará “se pôr em dia com a pátria” (p.28). Para isso, procura ler os jornais:

Minuciosamente, lia os jornais para encontrar guias, fios, traços de um desenho, feições de rosto português, não para delinear um retrato do país, mas para revestir o seu próprio rosto e retrato de uma nova substância, poder levar as mãos à cara e reconhecer-se, pôr uma mão sobre a outra e apertá-las, Sou eu, e estou aqui. (Saramago, 1985, p.87-88)

Entretanto, se Reis quer encontrar nos jornais “feições do seu rosto português”, é preciso que se diga que eles não são neutros e estão comprometidos com a ditadura salazarista, “quer por sua própria convicção, sem recado mandado, quer porque alguém lhes guiou à mão, se não foi suficiente sugerir e insinuar” (Saramago, 1985, p.85). Eles contribuem, portanto, para uma imagem ilusória do país falando, em primeira página e em letras garrafais, “das grandes transformações, o aumento da riqueza nacional, a disciplina, a doutrina coerente e patriótica, o respeito das outras nações pela pátria lusitana, sua gesta, sua secular história” (Saramago, 1985, p.137)¹. E dão, menor destaque, a uma série de eventos que denunciam a falta de assistência pública do governo salazarista, como, por exemplo, o alto índice de mortalidade infantil, o que leva à irônica conclusão de que, com isso, “fica-nos a consolação de serem portugueses a maior parte dos anjinhos do céu” (Saramago, 1985, p.95).

¹ Estas palavras são do Dr. Sampaio, homem favorável à situação, mas podemos considerá-las como um bom exemplo e resumo das manchetes que Reis lê.

Além dos jornais, Ricardo Reis tem a oportunidade, através das suas “caminhadas e descobertas” (Saramago, 1985, p.70) pelas ruas de Lisboa, de confrontar as notícias dos periódicos e pode encontrar outros “guias e traços” para revestir o seu rosto português. No entanto, ele recusa o confronto e prefere, quase sempre, fiar-se no que dizem os jornais. Afinal, Ricardo Reis faz tudo para fugir de qualquer situação que possa colocá-lo em conflito com as posturas de indiferença e alheamento, herdadas do heterônimo pessoano. Em consequência desta atitude, prefere fugir de qualquer acontecimento que perturbe a tranquilidade de sua existência a ponto de, numa situação limite, exilar-se da sua própria vida, como ocorre no final do romance.

Devemos também considerar que o personagem, em seu dia a dia, se vê obrigado a confrontar-se com um Portugal que está muito distante dos píncaros das *Odes*, sendo mais fácil aceitar as “verdades” que os jornais noticiam, já que estes reproduzem uma imagem idílica da situação portuguesa diante do conflito mundial. Entretanto, por mais que se esforce, não consegue evitar, como afirma Dal Farra (1986, p.84), uma “realidade que se cola à sua pele, invade o seu ostracismo e lhe exige respostas imediatas”.

O fato que, no romance, simboliza a integração de Portugal a uma “Europa caótica e colérica, em constantes ralhos, em pugnas políticas” (Saramago, 1985, p.145) é a revolta dos marinheiros e o seu esmagamento pelo regime salazarista. Com isso, desfaz-se a imagem ilusória de que “em Portugal, como um todo, não faltam alegrias” (Saramago, 1985, p.363).

Para Ricardo Reis, esse episódio afeta de maneira definitiva a sua trajetória. Afinal, ele não consegue assistir impassivelmente à revolta, pois acaba chorando diante do acontecimento, e sente-se “como se tivesse sido ele o que quis ir ao mar e foi apanhado na rede” (Saramago, 1985, p.411). Portugal deixa então de se constituir como um píncaro protetor, de onde assiste indiferente ao espetáculo do mundo. Resta-lhe, então, duas opções: ser um cúmplice ou reagir contra o estado das coisas. Sem poder assumir nenhum desses papéis, já que ambas as atitudes

iriam contra as posturas poéticas do heterônimo, que, no interior do romance, tentou desesperadamente transformar em normas de vida, só lhe resta assumi-las apenas enquanto poéticas, ou seja, retornar ao “reino da realidade evanescente das odes” (Rebelo, 1985, p.145).

3. O Brasil: espaço estratégico da retirada

Se Portugal, como procuramos apontar, ocupa uma posição relevante na trajetória de Ricardo Reis, no entanto, não é o único espaço que ganha destaque no cotidiano do personagem. O Brasil aparece, sobretudo, como um lugar alternativo, que lhe facilitaria uma possível retirada estratégica.

No primeiro encontro que tem com o “fantasma” de Fernando Pessoa, e no qual justifica a sua presença em Portugal, após ter recebido um telegrama de Álvaro de Campos notificando o falecimento de Pessoa, Ricardo Reis comenta:

Houve ainda uma outra razão para este meu regresso, essa mais egoísta, é que em Novembro rebentou no Brasil uma revolução, muitas mortes, muita gente presa, temi que a situação viesse a piorar, estava indeciso, parto, não parto, mas depois chegou o telegrama, aí decidi-me, pronunciei-me, como disse o outro (...). (Saramago, 1985, p.81)

Como vemos, quando a situação política no Brasil fica tensa, o personagem opta por regressar a Portugal. A esse respeito, Fernando Pessoa tece um irônico comentário: “Você, Reis, tem sina de andar a fugir das revoluções” (Saramago, 1985, p.81). Essa observação é bastante pertinente, afinal, após a revolução falhada dos marinheiros, Reis decide acompanhar Pessoa quando este se retira ao abrigo final no cemitério dos Prazeres.

Há também vários momentos da narrativa em que o personagem mostra-se indeciso quanto ao seu futuro. As opções que então imagina são sempre duas: ou ficar em Portugal, tentando ocupar o vazio deixado pela morte de Fernando Pessoa, ou regressar ao Rio de Janeiro:

E agora, vai ficar para sempre em Portugal, ou regressa a casa [pergunta Fernando Pessoa], Ainda não sei, (...) pode ser que me resolva a ficar, abrir consultório, fazer clientela, também pode acontecer que regresse ao Rio, não sei, por enquanto estou aqui, e, feitas todas as contas, creio que vim por você ter morrido, é como se, morto você, só eu pudesse preencher o espaço que ocupava (...). (Saramago, 1985, p.81)

E, numa outra passagem:

Ricardo Reis anda a pensar em regressar ao Brasil. A morte de Fernando Pessoa parecera-lhe forte razão para atravessar o Atlântico depois de dezasseis anos de ausência, deixar-se ficar por cá, vivendo da medicina, escrevendo alguns versos, envelhecendo, ocupando, duma certa maneira, o lugar daquele que morrera, mesmo que ninguém se apercebesse da substituição. (Saramago, 1985, p.325)

Quando conversa com Marcenda também demonstra dúvidas quanto ao futuro, e o Brasil lhe aparece como uma opção: “então Marcenda disse, Se não é abuso da minha parte, posso perguntar-lhe por que está a viver há um mês no hotel, Ainda não me resolvi a procurar casa, aliás não sei se ficarei em Portugal, talvez acabe por voltar ao Rio de Janeiro” (Saramago, 1985, p.132).

Entretanto, se o Brasil lhe surge como um lugar possível para retornar, caso não se adapte novamente em Portugal, ou se a sua situação em seu país se torne insustentável, as notícias que lhe chegam do outro lado do Atlântico, através dos periódicos que lê, anunciam um aumento da tensão, como o ter sido declarado o estado de guerra, com a prisão de centenas de pessoas (cf. Saramago, 1985, p.242). Ou seja, o Brasil também não é uma espécie de espaço idílico de onde possa assistir passivamente o desenrolar da história. A passagem, que citaremos a seguir,

revela o seu grau de ansiedade em relação ao país que deixou:

(...) agora estava à janela da sua casa do Rio de Janeiro, via ao longe aviões que largavam bombas sobre a Urca e a Praia Vermelha, o fumo subia em grandes novelos negros, mas não se ouvia qualquer som, provavelmente ensurdecera, ou então nunca fora dotado do sentido da audição, incapaz portanto de representar na mente, com a ajuda dos olhos, o rebentar das granadas, as salvas desencontradas da fuzilaria, os gritos dos feridos, se a tão grande distância podiam ouvir-se. Acordou alagado em suor (...). (Saramago, 1985, p.166)

Como vemos, o que o heterônimo pessoano demora a reconhecer é que “não há um lugar onde o poeta possa descansar a cabeça” (Saramago, 1985, p.370), no mundo conturbado que Saramago lhe elegeu para viver. Afinal, como Teresa Cristina Cerdeira da Silva afirma: “É que esse ano de 36 europeu cobra dos mais fleumáticos uma resposta. A História exige um comprometimento e diante dela a impassibilidade arcádica parece não ter mais lugar” (Silva, 1989, p.136).

4. Em terras de nuestros hermanos é que a vida está fusca...

As referências à crise política em Espanha estão presentes desde o início de *O ano da morte de Ricardo Reis*. A primeira vez que surge é de maneira bastante breve, encabeça a leitura que Reis faz das manchetes dos jornais, e anuncia simplesmente: “Demissão do governo espanhol” (Saramago, 1985, p.52), sem quaisquer outras informações ou comentários seja do narrador, seja do protagonista.

Após a vitória da esquerda, Portugal passa a receber refugiados espanhóis. Segundo os jornais, cerca de 50.000 chegam ao país, enquanto começam a correr boatos que estava a ser preparado um golpe militar liderado pelo general Franco. Ricardo Reis não consegue manter-se

imune a essa agitação. Em primeiro lugar, porque no hotel Bragança se hospedam várias famílias de refugiados. Por toda parte se ouve falar em espanhol, a ponto de o Rádio Clube Português contratar uma locutora espanhola, “com voz de tiple de zarzuela, que lê as notícias dos avanços nacionalistas na salerosa língua de Cervantes” (Saramago, 1985, p.387).

Depois que sai do hotel, e vai morar na casa do Alto de Santa Catarina, o personagem continua tendo um contato estreito com a crise da Espanha, tanto pelos jornais, que, à medida que essa crise se acentua, e a direita se reorganiza, dedicam mais espaço aos problemas do país vizinho, mas sobretudo através de Lídia, cujo irmão Daniel é simpático à *onda vermelha que cresce em Espanha*.

Entretanto, os dois pontos de vista sobre a crise do país vizinho, a que tem acesso Reis, chocam-se entre si, já que os jornais, “fertilíssimas searas de escalracho” (Saramago, 1985, p.195), como diz criticamente o narrador, alertam para os perigos do *diablo rojo*, enquanto as informações que obtém por Lídia revelam o esmagamento da população civil pelos militares revoltosos.

Há uma passagem que mostra bem essas duas visões conflituosas, e que, por isto, vale a pena citar. Trata-se de uma conversa entre Lídia e Ricardo Reis, em que ela chora quando ouve pelo rádio notícias do bombardeio a Badajoz, enquanto Reis tenta ponderar apontando as atrocidades que, segundo os jornais, teriam cometido os comunistas espanhóis.

Estás aí a chorar por Badajoz, e não sabes que os comunistas cortaram uma orelha a cento e dez proprietários, e depois sujeitaram a violências as mulheres deles (...), Como é que soube, Li no jornal (...), Não acredito, Está no jornal, eu li, Não é no senhor doutor que eu duvido, o que o meu irmão diz é que não se deve fazer sempre fé no que os jornais escrevem, Eu não posso ir a Espanha ver o que se passa, tenho de acreditar que é verdade o que eles me dizem, um jornal não pode mentir, seria o maior pecado do mundo, O senhor doutor é uma pessoa instruída, eu sou quase uma analfabeta, mas uma coisa eu aprendi, é que as verdades são muitas e estão umas contra as outras, enquanto não lutarem não se saberá onde está a mentira (...). (Saramago, 1985, p.387-388)

Conforme a situação em Espanha se agrava, vai ganhando gradativamente mais espaço na narrativa e na vida de Ricardo Reis. Os últimos capítulos do romance versam mais sobre a guerra civil espanhola, do que sobre o cotidiano do personagem. “Seria impossível”, porém, como diz o narrador, “que os bons ventos de Espanha não produzissem movimentos afins em Portugal” (Saramago, 1985, p.392).

A principal consequência será a revolta dos marinheiros, da qual fará parte Daniel, irmão de Lúcia, tripulante do Afonso de Albuquerque, um dos barcos envolvidos na tentativa frustrada de iniciar uma revolução em Portugal, que culminasse na queda da ditadura salazarista. É também por Lúcia que Ricardo Reis fica sabendo da intenção dos marinheiros. A sua primeira reação é de alheamento:

Ricardo Reis espanta-se por não reconhecer em si nenhum sentimento, talvez isto é que seja o destino, sabermos o que vai acontecer, sabermos que não há nada que o possa evitar, e ficarmos quietos, olhando, como puros observadores do espectáculo do mundo, ao tempo que imaginamos que este será também o nosso último olhar, porque com o mesmo mundo acabaremos (...). (Saramago, 1985, p.404)

Entretanto, vimos que ele não consegue sustentar essa posição de indiferença, já que, diante da expectativa da rebelião dos barcos, “uma tenaz angústia aperta a garganta de Ricardo Reis, turvam-se-lhe os olhos de lágrimas” (Saramago, 1985, p.406). E, após o fracasso dessa rebelião, não consegue conter o choro, apesar de suas “lágrimas absurdas, [já] que esta revolta não foi sua” (Saramago, 1985, p.411), como ironicamente denuncia o narrador.

Esse acontecimento põe em xeque as posturas de alheamento do personagem, como comentamos, e a sua saída é a de acompanhar Fernando Pessoa, retornando ao

universo idílico das *Odes*. Afinal, apenas nesse mundo imaginário pode, como sempre pôde, ser o “sábio que se contenta com o espectáculo do mundo”.

5. À guisa de conclusão

Procuramos, em nossa reflexão, apontar as várias mediações existentes em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, e analisar de que maneira os vários espaços em que o personagem circula influem em sua trajetória romanesca. Apesar de Portugal, como vimos, ocupar uma posição de destaque, outros dois “territórios”, Brasil e Espanha, estão presentes na narrativa e também acabam por dar o sentido de pulsação do personagem na história. Todos os espaços varridos pela intranquilidade que caracteriza esse ano de 36. Todos eles muito pouco propícios para esse poeta que esperava, com a sua olímpica indiferença, observar o mundo à beira-rio, à beira-vida.

Referências Bibliográficas:

- DAL FARRA, Maria Lúcia. Para uma “biografia” de um monárquico sem rei: Ricardo Reis. *Estudos Portugueses e Africanos*, Campinas, n.8, p.77-87,1986.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6. ed. Lisboa: Ed. Caminho, 1985.
- SEIXO, Maria Alzira. *A Palavra do Romance; ensaios de genologia e análise*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago. Entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.